15 DE MAIO DE 1933
LOURENÇO MARQUES

Director: Sobral de Campos

Sede: Praça 7 de Março

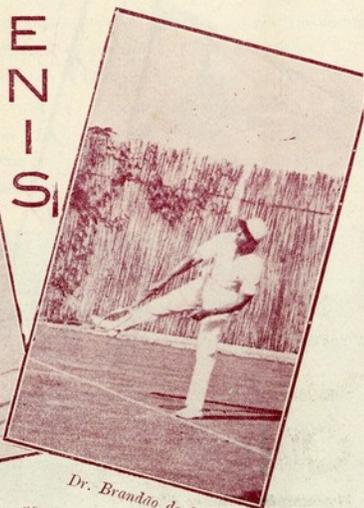
Propriedade da Empresa Tipografica

N.º 4

EDIÇÃO GRAFICA DO 'NOTICIAS

O Ilustrado

Os desportos na Provincia

TENIS

Romeu Casaleiro no *Dr. Brandão de Melo*

CAMPEONATO DO GREMIO MILITAR

No rio Licungo em Mocuba, o mecânico sr. Alfredo António Pestana, antigo acrobata, passeia num ciclo-flutuador de sua invenção sem medo ao banho nem aos jacarés...

O Marist Brothers, leader do campeonato do Transvaal League, visitou-nos em 6 e 7, jogando contra o 1.º de Maio (empate 2-2) e contra o Ferro-Viario (empate 1-1). São do último jogo as duas gravuras, mostrando Lindsay, o guarda-redes transvaliano, em acção.

O desporto na Beira. Os grupos de honra, em futebol e hockey, do Sport Lisboa e Beira, campeões de 1932, e os grupos A e B de 2.as categorias, respectivamente 1.º e 2.º classificados no campeonato da categoria.

Vai pelo mundo uma vaga de inquietação e de duvida pelo dia de amanhã... O espectro da guerra paira, sinistro e ameaçador, sôbre a Humanidade; e, por cada hora duma aparente e enganadora calma, há desenas de horas de angustiosas interrogações para as quais não há respostas tranquilizadoras...

A Alemanha, com o seu hitlerismo aguerrido e violento, que arreganha a dentuça para o estrangeiro em atitudes provocadoras, constitui novamente uma das grandes preocupações e uma das ameaças mais graves para a paz da Europa.

São da pena brilhante de Herriot estas palavras que transcrevemos dum excelente artigo recentemente publicado:

«A Alemanha anuncia aos quatro ventos que organizará e regulará a sua defesa nacional futura segundo as suas necessidades, como melhor o entender. Recusa assim a mão que mais uma vez lhe estendemos ao redigirmos o plano francês que lhe permitia obter um exercito do mesmo tipo que o das outras nações. E pregunta-se: O que poderá resultar do desenvolvimento do militarismo numa Alemanha que, durante meses e meses, multiplica as paradas guerreiras até á provocação?

... ...

Viu-se que eu não hesitei em dizer ao meu país a verdade, tal qual ela se me apresentava, mesmo quando tive que enfrentar a maioria do Parlamento e da opinião publica, mesmo á custa de pagar, com a queda do meu ministério, a fidelidade ás minhas convicções.

Em 1924, em Londres, com o meu amigo Mac Donald, com Kellog, com vários outros, eu assinei com a Alemanha a primeira paz livremente consentida. Eu fui o ministro que, sob o chuveiro das injurias dos nacionalistas, evacuei o Ruhr ocupado por Poincaré. Mas, depois de todas estas minhas atitudes denunciadoras da minha boa fé e das mais altas intenções de pacifista, pude verificar pelas declarações contidas nas «Memórias» de Stresemann e pela sua afirmação de que ele quiz ludibriar os franceses, quão dificil era a minha tarefa!

Como poderei deixar de inquietar-me, quando nós vemos o próprio governo prussiano protestar, perante o tribunal do Império, contra a violação dos seus direitos?

Encontramo-nos chegados ao momento em que o Reich se entende no direito de absorver a Prussia democratica. Depois desse acto que restará da Republica alemã? Em presença destas atitudes não nos será permitido entrever os acontecimentos que poderão seguir-se e que só surpreenderão os espiritos superficiais?».

E, a caminhar para o fim do seu magistral artigo (cheio de logica, de bom senso e de fina penetração), Herriot, possuido duma tristeza que mal pode conter e disfarçar, comenta:

«Não, o idealismo não faz, neste momento, uma marcha progressiva e ascensional. Neste momento a paz — infelizmente! — afasta-se de nós cada vez mais».

E, num recrudescimento de esperança, conseguido apenas pela força de vontade do seu espirito, conclui: «Mas não desfalecemos, não desanimamos, não perdemos a fé. Queremos acreditar que se trate apenas duma crise passageira. Não cessaremos de estender a nossa mão, lealmente, aos elementos pacifistas da Alemanha. Desejariamos ver esse grande povo retomar a calma, reencontrar a prosperidade. Repudiamos toda a intenção de hegemonia da França; queremos apenas assegurar-nos de que não seremos invadidos. Os países que foram poupados a esse terrivel flagelo não podem saber nem imaginar o que tenham sido essas nossas torturas. Somos de opinião de que a França deve continuar a empregar toda a sua paciencia, toda a sua razão para enfrentar e resolver as terriveis dificuldades. Tenhamos ainda esperanças nos elementos liberais da Alemanha e no ressurgimento desse liberalismo.

Seja, porém, como fôr, se eu tivesse dissimulado as minhas profundas inquietações sobre o momento que passa, teria faltado ao meu dever para com aquilo que eu penso que é a verdade».

* * *

Um dos ultimos numeros da revista francesa «Le Mois» insere um interessante artigo intitulado «Um mês de experiencia hitleriana na Alemanha» em que se escalpelisam, implacavelmente, as ideas, os objectivos e a acção do

Crónica da Quinzena

chefe dos nazis. São desse artigo estas passagens:

«Esta acção de violencia sistematica, vamos encontrá-la nos seus discursos (de Hitler) que são quási exclusivamente diatribes. Quer seja em Leipzig, em Stuttgart ou em Berlim, o chefe dos nazis denuncia essencialmente o marxismo como a fonte de todos os males passados e presentes».

E mais adiante:

«Em resumo: As ideas do chanceler Hitler são duma perturbante incerteza e inconsistencia quanto ao programa interno e dum ameaçador ardor combativo quanto ás reivindicações perante o estrangeiro. Esta carencia de ideas tem sido mascarada pelas espectaculosas e agressivas paradas de tropas e a vida politica alemã vai decorrendo no seio de violencias, de perseguições, numa atmosfera de terror e perturbação verdadeiramente impressionante».

* * *

Louis Ferdinand Céline, escritor distinto e notavel economista que desempenhou numerosas missões no estrangeiro por incumbencia da Sociedade das Nações, acaba de publicar um magnifico estudo sobre o «chômage» na Alemanha. São desse estudo estas notas curiosas:

«O futuro? É possivel que na «entourage» de Hitler se encontre o ditador para o «chômage» que organise, finalmente, esta miséria anarquica e a estabilise num nivel razoável. É o truc dum Hoover morto ou dum Nansen vivo.

Durante a guerra, a Alemanha teve que alimentar «toda a sua população» em condições bem mais precárias e perigosas que as de hoje; somente então era a guerra com toda a sua histeria colectiva, o seu objectivo, a sua paixão comum. E é fácil impor ferozes disciplinas ás massas fanatizadas. Hitler terá bastante dificuldade em sair deste marasmo alimentar imbecil: A paz não interessa a ninguem e a fraternidade aborrece toda a gente. Ser-lhe-á dificil, na verdade, obter o açucar necessário para conseguir realizar a paz alemã, mas dar-lhe-ão para a guerra todo o sangue que ele quizer».

* * *

Todas estas transcrições vieram para pintar, a pinceladas largas, o quadro actual da Alemanha e para fundamentar a nossa afirmação de que este país voltou a constituir uma das grandes preocupações e uma das ameaças mais graves para a paz da Europa — essa paz que, na fina e profunda ironia de Céline, não interessa a ninguem...

Mas não devemos parar por aqui. Acima e mais alem da exacerbação dos nacionalismos, a Humanidade encontra-se hoje em frente deste dilema: capitalismo ou marxismo (bolchevismo ou ideas e organizações congeneres). Esta é que é a luta latente, a fonte, a origem das possiveis conflagrações. Comunismo dum lado; do outro fascismo, hitlerismo, etc. As ideas e as organizações extremas que não podem coexistir por muito mais tempo e que procuram destruir-se mutuamente...

* * *

No Extremo-Oriente tambem o problema da paz e da guerra — no fundo com as mesmas caracteristicas e os mesmos objectivos — tem atingido uma notavel acuidade nestas ultimas semanas. Tem-se julgado mesmo iminente e inevitavel a guerra entre a Russia e o Japão sob o pretexto da reclamação mandchu, dirigida á Russia, ácerca do material ferro-viário.

Temos a impressão — como toda a gente — de que essa guerra, a declarar-se, envolveria, dentro de pouco, outros países, em breve se transformando numa nova e horrorosa guerra mundial. E os hitlerismos e fascismos seriam, certamente, os primeiros a lançar-se na luta com ardor, na miragem de estrangular, para sempre, a hidra comunista, pelo exterminio da Russia... Mas terá a Europa visionado todas as possiveis consequencias dessa conflagração russo-japonesa?

Por traz e mais alto que o «perigo comunista», não poderia vir a surgir e a erguer-se o «perigo amarelo», apesar de no presente momento não se entenderem, e até se hostilisarem, o Japão e a China?

Já Gustave Le Bon, há cerca de 50 anos, escrevia: «A luta mais gigantesca de que falará a historia há-de ser aquela que, desencadeando-se num futuro proximo, se prepara actualmente na Asia. Os motivos pelos quais a raça amarela ameaça hoje a raça branca são bastante graves para que possamos pô-los de parte. Fomos semear a guerra e a discordia em nações longinquas e perturbar o seu repouso secular. É agora a sua vez de perturbar o nosso. Que será, então, da velha Europa e de toda a raça branca? Somente a historia poderá responder a esta pregunta se esse cataclismo, como é de supor-se, um dia vier a desencadear-se».

Em presença de todos estes «perigos», e em especial do ultimo apontado, haverá nas altas esferas governamentais das várias potencias e nas camadas superiores da poderosa finança, o golpe de vista claro e indispensavel para evitar a catastrofe? Ou, pelo contrário, serão umas e outras tomadas pelo nervosismo, pela insania e pela sêde insaciavel de poderio e de mando? Eis as interrogações angustiosas que hoje se colocam, a cada momento, na presença do mundo emocionado e espectante. E, se um ou outro dia passam dando-nos a impressão duma calma inteligente e equilibrada, a maior parte deles apresentam-nos os mais graves sintomas duma total cegueira que arrastará o mundo inteiro para um proximo e insondavel abismo, do qual ninguem pode prever o que poderá surgir para a face da Terra...

FELINOS

A idea não é nova, nem é nossa... E, daí, o estarmos antecipadamente absolvidos (parece-nos) pelas nossas leitoras — embora daqui estejamos a ver algumas com as suas agressivas sobrancelhas pintadas, seus olhos obliquos chispando malignas ferocidades... languidas, e suas patinhas (salvo seja...), crispadas como garras, com as unhitas ponteagudas, rosadas e reluzentes, prontas para arranhar, como as suas almas arranham, dilaceram e fazem sangrar as almas dos homens que as amem e por elas vivam e penem...

A idea não é nossa, nem é nova...

Vimos algures a reprodução dum quadro esplendido, no qual uma mulher semi-nua — maravilha de plastica, de atitude e de estudo psicologico — descansa as suas belezas, as suas graças e as suas manhas felinas sobre a lustrosa, fôfa e malhada pele dum tigre, que assim serve a criar-lhe, na tela, um ambiente intencional, que sublinha e realça, com acerto, a concepção do artista...

Mulher e tigre... — eis a aliança... Mas nem sempre assim é...

Se é verdade que na alma de muitas mulheres, vive, em estado latente, a astucia ameaçadora da imponente femea do tigre, de Bengala, que a nossa gravura representa, não é menos certo que foram necessárias milhares de concorrentes para que entre elas se escolhesse a graciosa Kathleen Burke, como «mulher pantera», para o filme «A ilha das almas perdidas»...

E quantas vezes todas as mulheres — incluindo esta actriz cinematográfica — deixam adormecer, nas suas almas, os instintos felinos num sono suave e bom — como o daquela linda gata, inofensiva e friorenta, que melhor sítio não encontrou, para seu repouso, do que um esquentador!?...

... ...

É possivel que estas ligeiras e inocentes... considerações, mesmo assim doiradas pelo humorismo e por um inequivoco espírito de justiça, não sejam do completo agrado da alma feminina e que mais grato lhe fosse encontrar aqui, nesta sugestiva página, um madrigal delambido e gongorico ou um hino solene e triunfal á Bondade das mulheres... É possivel... Já Fialho de Almeida — o mago impressionista das paisagens, o fino psicologo, o colorista inimitavel de pequeninos dramas intimos, o interprete extraordinário da alma e da vida do povo, o panfletário arcaboiçado, o critico irreverente, o ironista mordaz, o meigo contista do «País das uvas» e o temivel felino... dos «Gatos» — escreveu um dia, numa cronica, também a proposito de senhoras: «Em certas coisas, meninas, a mentira é o prazer dos deuses e dos homens bem educados».

E, como nós, não sendo deuses, nos temos, porém, na conta de pessoas bem educadas, melhor avisados teriamos andado, talvez, se mentissemos com descaro e não juntassemos, nesta página, sob um mesmo título, as gatas, as mulheres e os tigres...

Mas... — como a vingança é o prazer dos deuses e das... mulheres — a vingança é fácil para aquelas das nossas leitoras que não nos absolverem de tão nefando crime: é afiarem mais as roseas unhitas e arranharem e ferirem sem piedade...

Pelas suaves manhãs

sem inclemencias de sol, as crianças vivem ao ar livre

Bebés! quem os não tem visto de manhã e á tardinha pela 24 de Julho fora a lembrarem-nos as mais variegadas flores a desabrocharem num majestoso jardim onde o perfume nos encanta e a sua graça e beleza nos seduz.

Logo de manhã cedo, é ve-los nas ruas, nos seus carrinhos, dos mais modestos aos mais luxuosos, conduzidos por muleques que os levam até ao jardim municipal ou procuram a sombra das acacias das proximidades das casas dos papás, para que o ar fresco da manhã os refresque e lhes proporcione o bem estar de cada dia.

Esses bébés, de rostinhos alegres a irradiarem saude, comunicam á nossa alma uma ventura sem igual.

Foi numa destas manhãs, esplendentes de luz, que lhes dão vida e os fortificam como por encanto, que a nossa objectiva colheu discretamente, — a despeito da superstição e do receio que a máquina fotográfica infunde ás criadas indígenas — as expressões dessas figurinhas gentis que ilustram a página.

Os bébés e os seus carrinhos enxameiam muitas das ruas de Lourenço Marques dando-lhes uma nota alegre e marcante do caminhar progressivo desta terra portuguesa.

Arnaldo Silva.

Filmando...

O caso dos engenheiros da Vickers

Está ainda bem viva, na memoria de todos, a impressão causada pelos telegramas publicados na imprensa de todo o mundo ácerca do caso dos engenheiros russos e ingleses da Vickers, julgados em Moscou, no dia 19 de Abril, sob as acusações de sabotagem e espionagem — crimes a que podia corresponder a pena de fusilamento.

A sentença condenou os engenheiros britanicos Thornton e Macdonald, respectivamente a três e dois anos de prisão e os restantes — Alan Monkhouse, Nordwall, Gregory e Cushny — a expulsão perpetua dos territórios russos. Os engenheiros russos foram condenados a penas mais severas, mas a nenhum deles foi aplicada a pena de morte.

Tal sentença produziu na Inglaterra uma grande emoção, que se traduziu em numerosos e veementes artigos nos jornais e numa lei proibindo as importações da Russia, satisfazendo-se assim a vontade da poderosa corrente de opinião publica que se formou á roda do famoso caso.

O advogado de defesa dos engenheiros britanicos pediu que fossem substituidas as penas em que foram condenados Macdonald e Thornton, tendo chegado a esperar-se que essas penas fossem comutadas para expulsão por toda a vida dos territórios da União Sovietica, como acontecera aos outros arguidos ingleses. No entanto o Executivo Central entendeu que as penas não deviam ser substituidas pela de expulsão, tendo sido reduzidas somente para um e dois anos de prisão, em vez dos dois e três em que haviam sido condenados.

Os engenheiros britanicos expulsos, de regresso ao seu país depois do julgamento de Moscou, foram esperados e saudados em Harwich, em Londres e Liverpool por grandes e entusiasticas multidões.

E assim caiu o pano sobre estas teatrais cenas de tribunal que, atravez do telégrafo, prenderam, durante cerca dum mês, a atenção de muita gente, especialmente na Inglaterra e na Russia.

No tribunal russo. — *A senhora Artukhina, que assistiu ao julgamento como juiz suplente.*

(A' esquerda) — A chegada dos engenheiros a Inglaterra — *Monkhouse, Nordwal, Gregory e Cushny desembarcando, em Harwich, na manhã de domingo, 23 de Abril.*

No tribunal russo — *Krylenko, Comissario da Justiça, numa das suas atitudes durante a acusação.*

EM BAIXO (*á direita*) — Outros que tambem regressam ao seu país... — *Duas horas antes da chegada dos engenheiros britanicos a Londres, os delegados comerciais sovieticos, que se encontravam em Inglaterra, partiram para a Russia. Na estação de Vitoria e da esquerda para a direita: Khasignoff, Maisky (embaixador sovietico em Londres, que assistiu á partida), Ozersky, com o seu «bouquet» de flores, e, a seguir, o presidente da delegação e Bessonoff.*

A' esquerda — Na gare de Liverpool. — *Os quatro engenheiros da Vickers entre uma parte da população que cordealmente lhes foi dar as boas vindas*

Pastores da Beira

(Desenhos de Vilela)

Entre a Gardunha e o Tejo, a paisagem é arida e triste. Nem o carvalho ancestral, nem o castanheiro robusto desceram os flancos da montanha; e é rara a silhueta exigua do próprio pinheiro inculcando os terrenos de mais escassa produtividade.

Três ou quatro côres bastariam á paleta do paisagista que se deixasse enfeitiçar por esse extremo retalho da sagrada terra da Beira: grandes nódoas cinzentas de oliveiras a escalar encostas como filas de penitentes em ásperos calvários; o verde-negro dos montados de azinho e dos sobreirais que bracejam espectralmente na curva dos outeiros ou enlutam de sombras os vales pouco profundos; a sépia dos pouzios; e o azul-ferrete das serranias distantes e dos céus incomparáveis.

Excluidas as manchas mais alacres e risonhas que debruam esta ou aquela aldeola, por toda a «arraia», a leste, e por todo o «campo», a Ocidente, se combinam e fundem os mesmos tons sombrios.

Por toda a parte se insinua nas almas a indizivel poesia dos ermos. E eu não sei de lugar algum no mundo que possa igualar, pela impressão de silencio e de imensidade, os cimos do cerro de Monsanto — espécie de altar votivo que sobranceiramente domina as campinas circundantes e onde eternamente sopra, como na colina inspirada de Barrés, o misterioso vento do Espirito.

A divindade é ali presença real e quási sensivel.

Ora esta paisagem beirôa encontra no pastor a figura adequada e por assim dizer integrante — uma figura que espera ainda o Zuloaga que lhe fixe os traços, atitudes e indumentaria.

Talvez Oliveira Martins tenha razão ao ver nos pastores dos Herminios os descendentes prováveis dos duros lusitanos; mas estes que a minha lembrança evoca devem ser antes uma reminiscencia do dominio arabe, vestigios dispersos de alguma tribu pastoril e nomada que de perto seguisse o invasor para a ocupação pacifica do solo iberico.

É vê-los numa tarde translucida de inverno, hirtos como esculturas de bronze, vigiando o rebanho, com o rafeiro ao lado, o cajado ao ombro e o amplo gabão de burel esvoaçando aos repelões da nortada: assim devem recortar-se, sobre os fundos cenográficos do deserto, os vultos dos beduinos.

Sentencioso, o povo resume-lhes a biografia obscura num simples conceito: «Boa vida a do pastor, quando o leite tem sabor; mas quando a perdiz sacode o rabo, ó vida do diabo»!

E vida do diabo, sem duvida.

Pela primavera, quando os pilriteiros se envolvem na espuma da sua floração delicada, os giestais e estevas pontuam de neve, ouro e sangue a aridez dos descampados e o perdigão, por entre os trigos, lança á femea esquiva a sua solitação amorosa e cacarejante — quando o leite tem sabor — os pastores são entre as populações rurais uma casta privilegiada. Os produtos da queijeira que eles exploram segundo processos secularmente rotineiros, fornecem-lhes alimentação abundante e saborosa: — o queijo fresco, a coalhada gelatinosa que o alentejano chama «almece», o requeijão famoso que na mesa dos proprios ricos é mimo apreciado. Até os cãis engordam com o sôro e rescaldão. E como o clima abranda os seus rigores — nem frio que corte, nem sol que escalde, nem chuva que trespasse — á noite, a cama da «malhada» quási parece confortável.

Mas chegam os primeiros arrepios do inverno e então a vida do pastor beirão é bem uma vida do diabo.

A ameaça dos lobos, que pelas noites escuras rondam o bardo e que a valentia dos rafeiros nem sempre consegue afugentar, força-o a deitar-se vestido, sem mesmo tirar os grossos sapatos ferrados. Está humida a cama — dois braçados de palha de centeio com algumas franças de giesta sobrepostas — ao fundo do «choço»; humida a saragoça das calças e da vestia. De resto, o alarme é permanente. Se o vento enrija, as cancelas do bardo tombam com estrepito; enraivecidos os molossos ladram mais alto, fazendo tilintar a coleira de bicos; e para que as reses se não tresmalhem e vão ao encontro da morte certa, toca a levantar, uma, duas, vinte vezes durante a noite, a recompor o redil desbaratado e a afugentar a fera que mesmo agora, ali perto, fazia ouvir os seus uivos de assassina.

No silencio de bruxedo, o grito prolongado dos pastores — hô...i...i!...—é um eco de eras mortas...

... ...

Nunes de Oliveira.

Antonin Carême

cozinheiro divino

Em 1833 expirou em Paris um homem de origem humilima, genuinamente plebeia, que soube converter-se em personagem de renome europeu e em ai-Jesus de alguns grandes senhores da época. Êsse homem chamava-se Antonin Carême. Seu pai, vagabundo mendicante, era inimigo de superstições. Não obstante a sua vida errante e a sua miséria extrema, teve 13 filhos... E certamente para lhes propiciar a riqueza do estoicismo, a todos abandonou, logo que os viu capazes de palmilhar montes e vales em farejo de migalhas para enganar a fome. A bibliografia relativa a Antonin Carême assemelha-se já hoje, em densidade, ás florestas onde êle se embrenhava, no seu tempo de andadeiro, sempre que os donos das galinhas subtraidas das capoeiras lhe iam no encalço. Todavia, nenhum dos biografos do nosso heroi descreve — lacuna imperdoavel — os meios que ele empregou, desde que foi expulso da choça paternal, para deixar de ser pária e farroupilha e passar a viver, regalado, em palácios de reis e de principes. Não julguem os leitores que pretendo embalá-los com uma historia da carochinha... Digo-lhes, apenas, a verdade. Antonin Carême foi chefe dos cozinheiros do principe de Talleyrand, do principe regente de Inglaterra e dos imperadores da Russia e da Austria. Brillat-Savarin, é mais citado do que êle pelos «snobs» da gastronomia, sem duvida por ser de fina linhagem social. Mas se, incontestavelmente, as receitas de cozinha escritas pelo autor da «Physiologie du goût», sobrepujam em interesse, as sentenças que êle redigiu como juiz do Supremo Tribunal, verdade parece ser, também, que entre a delicadeza de paladar de Brillat-Savarin e o génio culinário de Antonin Carême há a distancia que separa um planeta primário de um planeta secundário.

Antonin Carême foi o criador da cozinha requintada, o alquimista suprêmo dos molhos afrodisiacos, o mago inigualavel das caçarolas e frigideiras, que tocadas, ungidas pelas suas mãos de feiticeiro, transformavam em odorante ambrosia as mais secas viandas e os mais bárbaros condimentos. «A ele se deve — certifica um dos seus turiferários — o nascimento da cozinha delicada, cientifica e, ao mesmo tempo, simples; a pastelaria ligeira e artistica; a codificação do serviço de mesa; o invento do tipo, hoje comum, do «maitre d'hôtel» perfeito. Inovador extraordinário, êle descobriu todos os segredos da cozinha, aprendeu e ensinou todas as propriedades benéficas das iguarias, despertou com as cintilações da sua arte a atenção de todos os grandes do seu tempo. Reis, imperadores, altos dignatários, requestaram o seu génio precioso e, reconhecidos, concederam-lhe, principescamente, honrarias e prebendas. Jamais caiu sobre o nome de um cozinheiro tão estrondosa catadupa de elogios. De Vatel, o máximo que se disse como encomio foi que era nos assados o que Moliére era na comédia. A Béchamel, o inventor do molho saboroso, delicia do paladar, baptizado com o seu apelido, já houve quem chamasse o Racine dos temperos. Incontestavelmente, tais comparações são estimaveis, se admitirmos, bem entendido, que escrever comédias como o «Malade imaginaire» ou tragédias como «Athalie» não é labor intelectual inferior ao que realizam os preparadores subtis de maioneses... Parece, porém, que para exaltar o talento inato maravilhoso e a ciencia inexcedivel de Antonin Carême as mais arrojadas hiperboles são insuficientes. O sr. Philéas Gilbert denominou-o, há dias, em maiusculas, «Grande Astro da Cozinha Francesa». Pois a Academia de Cozinha de Paris, tão acatada pelos jornais como a Academia do sr. Prévost, declarou que o cognome é uma ninharia. Em seu douto parecer, o menos que se pode chamar a Carême, sem desacato graudo da sua glória, é — «divino».

Ignoro se os manjares preparados segundo os canones culinários de Antonin Carême são, na verdade, como certos gulosos endinheirados afirmam, a quinta-essencia dos manás. Nunca os provei. Não por falta de apetite, graças a Deus. Mas porque não sou da privança de Mecenas generosos. Todavia, não me atrevo a considerar excessivo o empolado epiteto que os cozinheiros profissionais académicos decidiram conferir ao seu idolo inspirador. E tenho as minhas razões. Uma delas é a definição, que Grimod de la Reyniére legou á posteridade, do cerebro de Antonin Carême. «Nunca encontrei nenhum mais enciclopédico», confessa algures o autor apurado do «Almanach des gourmands». Ora Antonin Carême era, como os leitores sabem, filho de um vagabundo egoista que o lançou á margem em tenra idade. Para comer, teve de esmolar de casal em casal, por estradas e veredas. O seu involuntário nomadismo não lhe permitiu decerto instruir-se, mesmo de maneira sumária, antes de entrar na adolescencia. Como alcançou ele, então, a resplandecente sapiencia que revelou em plena maturidade? A ciencia não irrompe no cerebro dos simples mortais por geração espontanea. Os proprios génios, os de maior poder intelectual, os multiformes, como o prodigioso Leonardo de Vinci, não poderiam ter assombrado a humanidade com as suas teorias, os seus inventos, as suas descobertas ou as suas criações artisticas, se a memoria de cada um deles não tivesse recolhido, pelo conduto da inteligencia, o germe dos conhecimentos sistematizados pelos seus antecessores. Só por graça peregrina do Omnipotente um ignaro poderá transformar-se, de repente, — a exemplo, melhorado, da burra de Balaam — em nascente de sabedoria. Portanto, se o cozinheiro Antonin Carême foi realmente enciclopédico, não é demais que lhe chamemos «divino», mesmo que desconheçamos o sabor das iguarias sublimes compostas no seu estilo...

Mas, ainda que Grimod de la Reiniére tenha cometido a blasfemia de urdir um carapetão a respeito de personagem historica tão insigne — coisa inverosimil porque o referido autor não está inscrito no «index» da Academia Francesa de Cozinha — porque negaria eu a proclamada divindade de Antonin Carême? «O cozinheiro — afirmou Voltaire, sem fazer restrições individuais — é um mortal divino». Se Voltaire endeusou assim o cozinheiro «em geral», com que direito recusaria eu a auréola ao magistral Antonin Carême, que foi incumbido de consolar o apetite exigente e sacrosanto dos régios Heliogabalos do seu tempo? A municipalidade de Paris, para comemorar o centenário da morte de tão extraordinário cidadão, vai dar o seu nome a uma das ruas da cidade. Considero a homenagem vulgar e mesquinha. Um país de finos gulosos, como é a França, com tradições culinárias supremamente elegantes e delicadas, provido de um enxame de clássicos da cozinha tão notaveis, pelo menos, como a nata dos seus letrados, tem o dever indeclinavel de imortalizar sumptuosamente os super-homens que fizeram dele — «la patrie de la bonne chére». A meu ver, para honrar condignamente a sua memoria, é mestér construir para êles um Panteão monumental, reprodução em grande das peças de confeitaria arquitectonica — toda em filigrana de açucar, com incrustações de frutos cristalizados e alicerces de pão de ló — que, em regra, realçam as mesas dos festins contemporaneos.

Mas não é só Carême que deve ter ali a sua jazida definitiva. Ao lado do cozinheiro-divino ficam bem os cozinheiros-heroicos. Dois há, sobretudo, que não podem ser esquecidos. Um, é o singular Laguépiére que, para não privar Napoleão dos seus petiscos, morreu gelado, dentro de um coche, quando as tropas do imperador se escaparam da Russia. Outro é o pundonoroso Vatel, que se suicidou por «hara-kiri», á maneira nipónica, ao ver que lhe faltava o peixe para o jantar que o principe de Condé, seu senhor, oferecia em Chantilly a Luis XIV. Todos os heroismos são admiraveis — mesmo quando são idiotas...

Victor Falcão.

DOIS AMIGOS: Um petiz e uma imbabala domesticada, merendando... juntos

437 milhas à hora!...

Os italianos reconquistaram o record do mundo de velocidade, que o «team» inglês da Taça Schneider estabeleceu em 1931, em Calshot, com 407 1/2 milhas à hora.

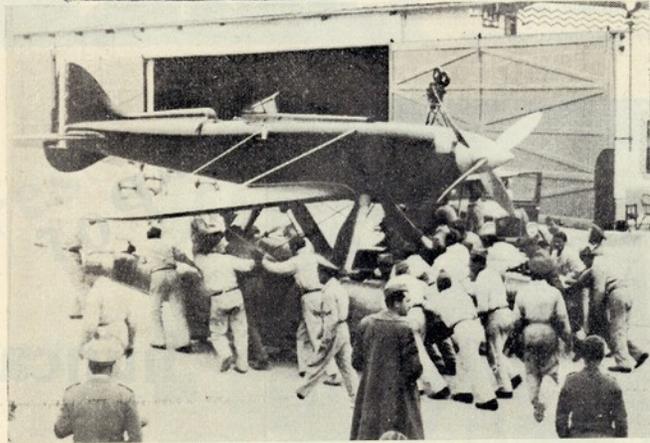
Em 10 de Abril o aviador Agello, voando em Gardonne sobre um percurso medido, fez a velocidade fantástica de 437 milhas à hora — ou sejam 703,133 kms. por hora!

Agello é o derradeiro dum grupo de aviadores italianos, verdadeiros herois do ar, que tinham empenhado as suas vidas na conquista do record. Cinco cairam para sempre na arrojada tentativa. E, coincidencia trágica: os três ultimos morreram precisamente no mesmo ponto, entre a ponta Sirmione e Munida.

Agello, cuja fotografia publicamos, bem como a do avião, honrou a memória dos seus camaradas mortos.

Agello pertence à aviação militar italiana, na qual tem o posto de sargento, que entre nós corresponderia a sargento ajudante.

Audácia e virtuosismo

Putt Mossman é um acrobata e «jongleur» que se notabilizou em Hollywood. Ei-lo jogando sorridentemente com quatro ovos, de pé sobre uma moto que roda a uma velocidade de quarenta milhas!...

As corridas da Páscoa em Brooklands

Emquanto C. J. Turner, num «Bentley», deslisa vertiginosamente a 110,43 milhas à hora, para ganhar o «Addlestone Senior Long Handicap», na mesma pista de Brooklands, o corredor Leeson encontrara a morte numa derrapagem, quando corria a uma velocidade de 120 quilômetros.

Tembem na Pascoa, na pista de Herne Hill, em Londres, uma enorme multidão presenceou um festival de ciclismo. Um aspecto das corridas: o «handicap» de 440 jardas.

"Por mares nunca dantes navegados,"

Nesta baía onde se espelha, calmamente, a cidade de Lourenço Marques, nestas águas quietas do estuário do Espirito Santo onde fazem seu toucado as casuarinas da Polana, as amoreiras do Alto-Maé e as acácias da Baixa, e onde se mira a casaria alegre, picada de varandas e afagada de crotons, fundeia há semanas o aviso de 2.ª classe da marinha de guerra portuguesa «Carvalho Araujo».

Esta unidade de guerra, que é comandada desde Outubro de 1931 pelo capitão de fragata sr. Silvério Ribeiro da Rocha e Cunha, marinheiro distinto e ilustre, contando na sua folha de serviços bastas comissões, entre elas a de chefe do Estado Maior da Divisão Naval de Cruzadores, e comandos, entre eles os das canhonheiras «Mandovi», «Limpopo», destroyer «Douro», cruzador auxiliar «Pedro Nunes» — durante a guerra — e o cruzador «Vasco da Gama», e que foi ministro da marinha em 1920, vem recordar mais uma vez o nome militar do comandante Carvalho Araujo.

O 1.º tenente José Botelho de Carvalho Araujo, que comandava o caça-minas «Augusto de Castilho», atacado pelo submarino «U-139» no mar dos Açores, que depois dum combate heroico e duma luta desigual, foi morto na ponte do comando por um tiro alemão, é um nome que para sempre ficou ligado ao nosso esfôrço na Grande Guerra, ao sacrifício de tantas vidas preciosas.

O 1.º tenente Carvalho Araujo é um nome que todos respeitam, por cuja memoria todos têm culto, não só os da familia militar como todos aqueles que são portugueses.

Falando do submarino alemão, é interessante registar que o «U-139», sob o comando do capitão de corveta von Arnauld de La Periére, bateu o «record» dos torpedeamentos, pois em dez cruzeiros afundou 500:000 toneladas de navios de guerra e mercantes. Era um dos maiores submarinos que a Alemanha possuía, armado com duas peças de 150 mm e duas de 88 mm., e teve o seu ultimo combate com o «Augusto de Castilho», que apenas estava armado com uma peça de 65 mm e outra de 47 mm.

O «Carvalho Araujo» — aviso — que foi lançado á água em 1915, foi adquirido justamente quando o seu actual comandante, sr. Rocha e Cunha, era o titular da pasta da marinha, e conta nas suas derrotas duas viagens á América do Sul, cruzeiros no Mediterraneo e várias estações nas colónias de Africa, e possui 139 homens de tripulação, estando armado com duas peças Wickers, duas anti-aéreas, duas de tiro-rápido e uma de 6,5, tendo por seu imediato o capitão-tenente sr. José Carvalho Dias.

A estadia do «Carvalho Araujo» em Lourenço Marques veio dar-nos o ensejo de falar do ressurgimento da nossa frota de guerra.

A marinha de guerra portuguesa, que, dia a dia, tinha ido perdendo os seus barcos, uns estropiados, alguns já fora da época e outros abatidos por completo ao seu efectivo, chegára á sua quási agonia. Um país colonial como o nosso, com uma enorme extensão de mar a rodear os contornos do seu Continente e das suas Provincias ultramarinas, não podia, de nenhuma forma, encontrar-se tam abandonado de defesa.

Luiz António de Magalhãis Correia — contra-almirante — um dos ultimos ministros da Marinha, conseguiu com o seu denodado esfôrço de homem de Estado, de bom marinheiro e de verdadeiro patriota, executar um plano de organização naval como há um século a nossa Marinha jámais conseguiu realizar.

É preciso não esquecer e aliar a essa energia do oficial general Magalhãis Correia o nome do sr. dr. Oliveira Salazar, actual presidente do Ministério e ministro das Finanças, que, na sua gerencia do tesouro publico, pela sua excelente aplicação de receita e pelo inteligente tacto da administração do Erário do Estado, obteve nos cofres publicos o «stock» de moeda preciso para efectivar o grande sonho da Marinha de guerra portuguesa.

Os nomes do dr. Oliveira Salazar e do contra-almirante Magalhãis Correia ficarão para sempre escritos nas memórias da Armada de Portugal.

São quinze as unidades navais com que a nossa Marinha vai ser engrandecida: uma, o aviso «Gonçalo Velho», outra, o contra-torpedeiro «Tejo», já se encontram na água, seguindo-se-lhes dentro em breve o lançamento do «Vouga». Quinze unidades, todas elas barcos de pequena tonelagem, como hoje são os que compõem os efectivos das marinhas, contra-torpedeiros, avisos, «dreadnoughts», todos eles descendentes da nobre genealogia das Naus das Indias, glorificando no mar os nomes de Vasco da Gama, Infante D. Henrique, Gonçalves Zarco, Bartolomeu Dias, Alvares Cabral, Pero de Alenquer e demais nomes gigantes que demandaram, por Portugal — os mares nunca dantes navegados!

Fernando Baldaque.

Em cima, á esquerda — O dr. Oliveira Salazar que, como ministro das Finanças, tornou possivel o ressurgimento da nossa armada.

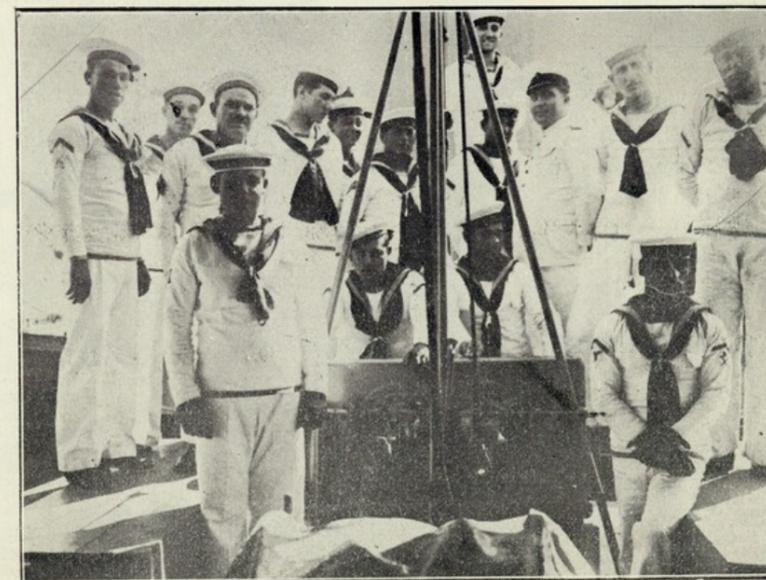
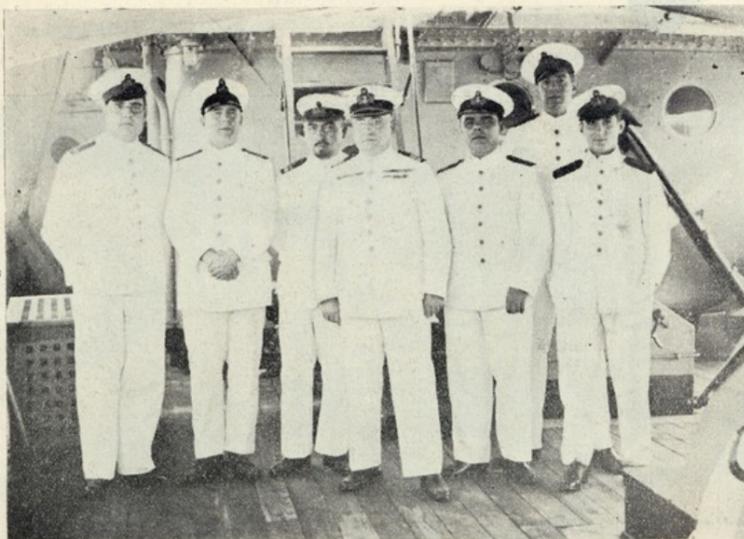
Em baixo — O comandante e oficiais do «Carvalho Araujo».

Ao meio — O sr. Comandante Rocha e Cunha na sua camara, onde está o retrato do 1.º tenente Carvalho Araujo.

Em cima — Grupo dos sargentos.

Em cima — O contra-almirante Magalhãis Correia, ressurgidor da nossa marinha de guerra.

Ao meio — Uma peça anti-aérea com a sua guarnição.

Em baixo — Um grupo de marinheiros da guarnição.

Como vencer na vida

Opinião de três grandes cstrêlas de cinema

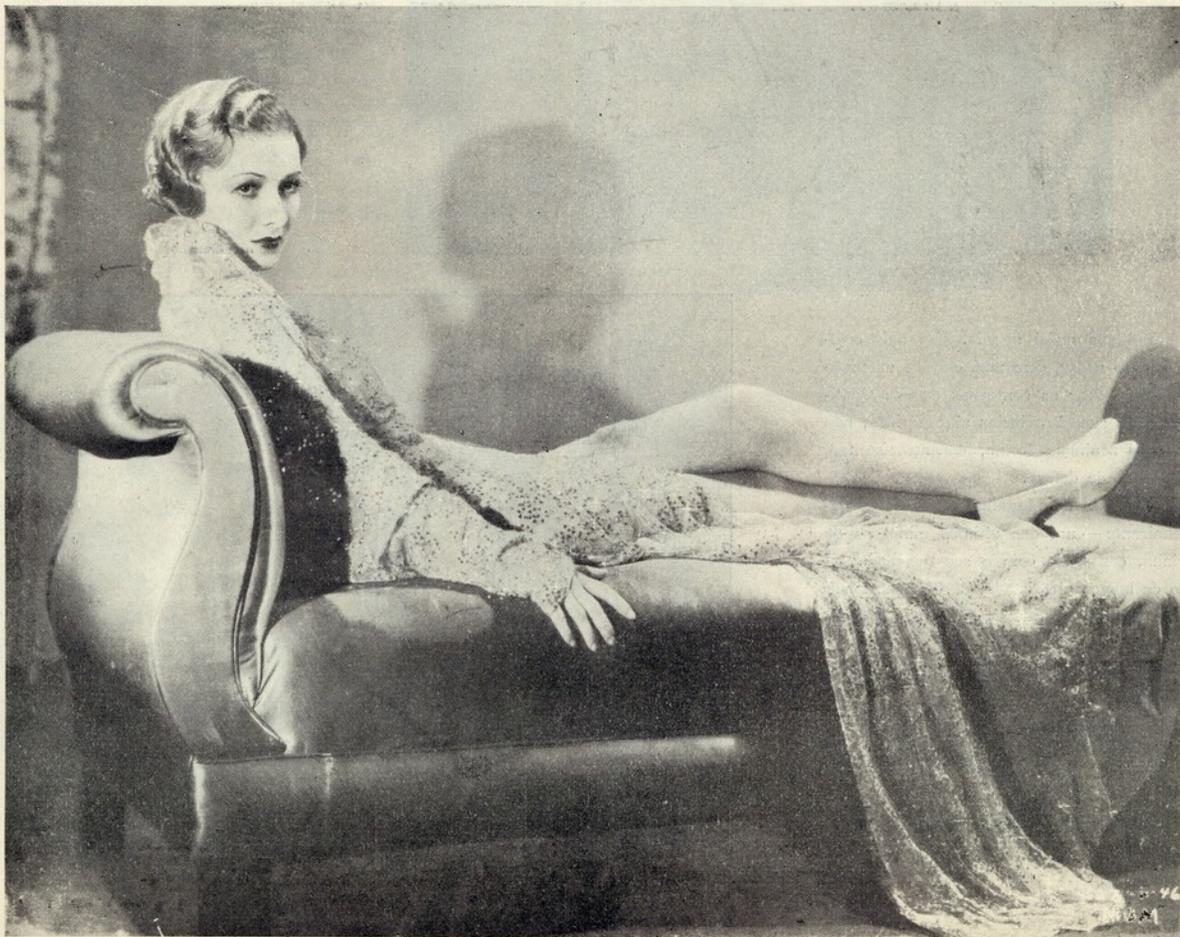
A' esquerda:

Joan Crawford: *Assente num objectivo definido, marque o seu alvo, e, depois disso, avance com firmeza e não se deixe, de forma alguma, afastar dele São as pessoas hesitantes, as que não teem ideias assentes, as que andam ás voltas, as que vagueiam por atalhos, que tornam a propria vida um completo fracasso e cavam por suas mãos a infelicidade.*

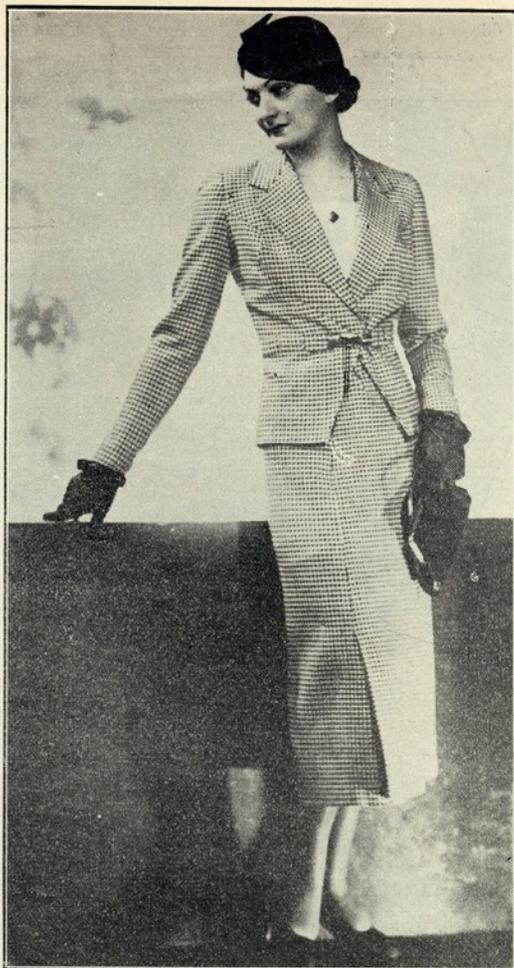
A' direita:

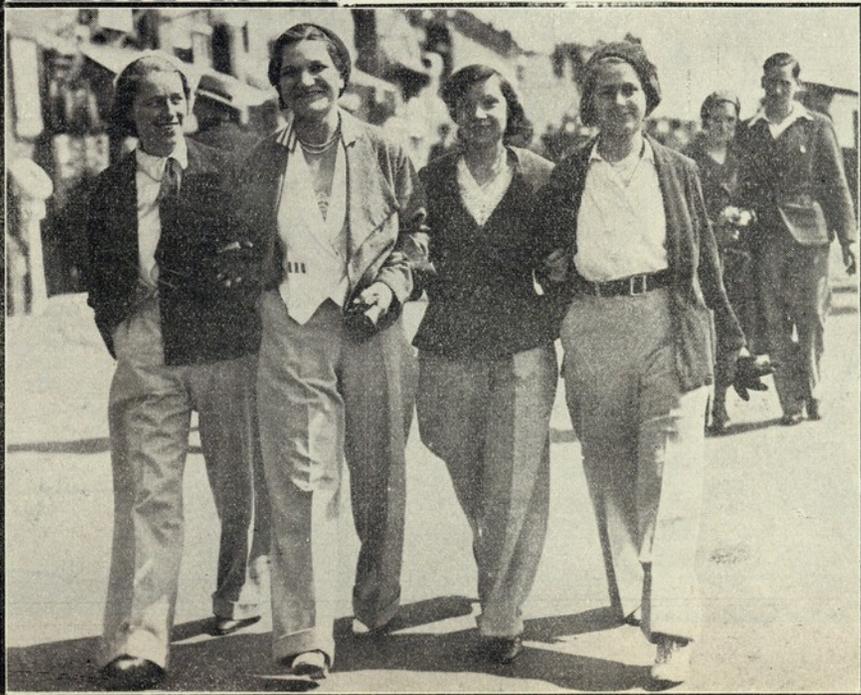
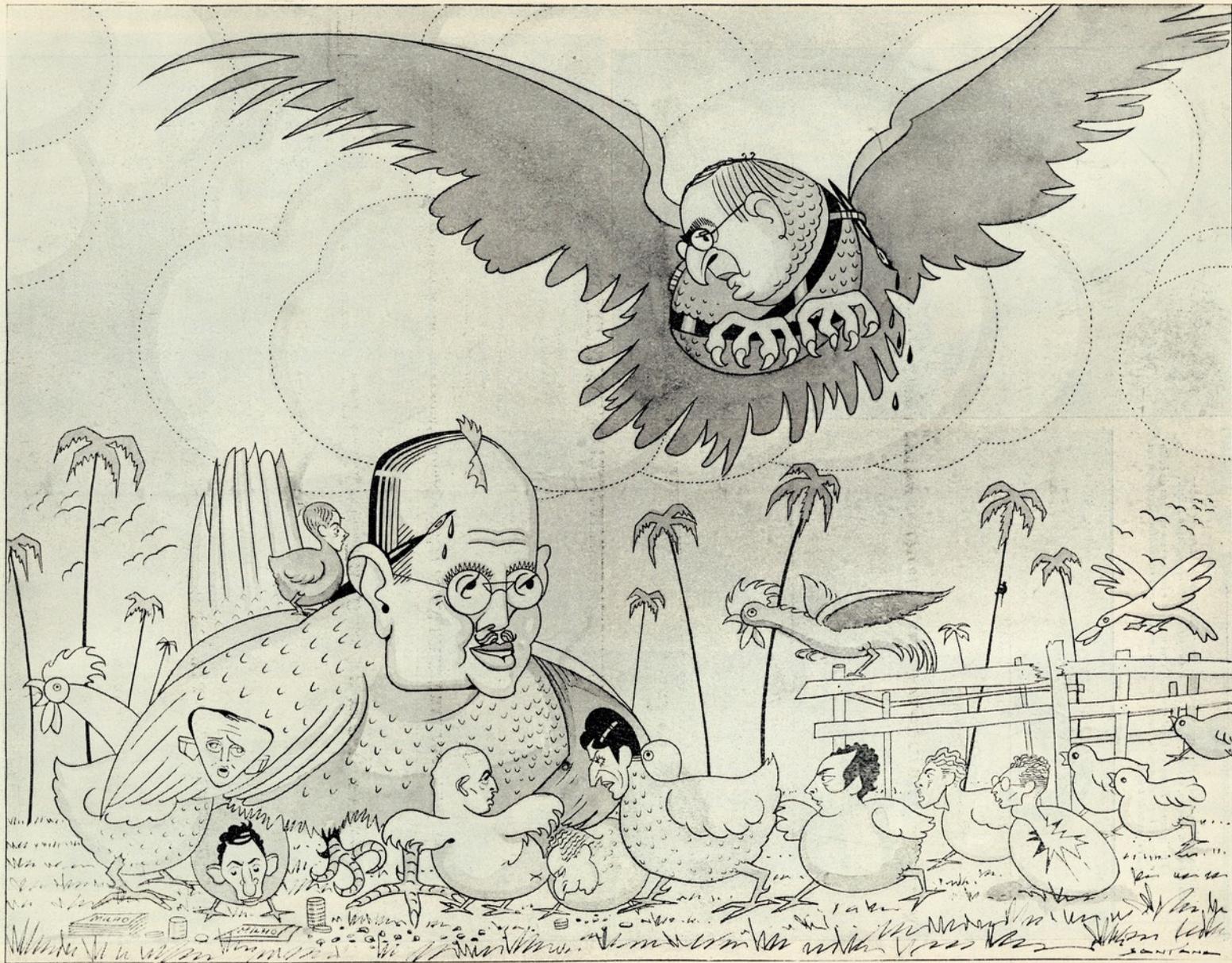
Norma Shearer: *Simplifique a vida em tudo que possa ser simplificada. Elimine tudo que não seja essencial, todos os elementos sem importancia. E' frequente na vida humana desvirtuar e aumentar coisas que não teem o mais pequeno valor, e revesti-las de tão desmedidas proporções que fazem indevidamente desaparecer a felicidade e a paz de espirito...*

Em baixo:

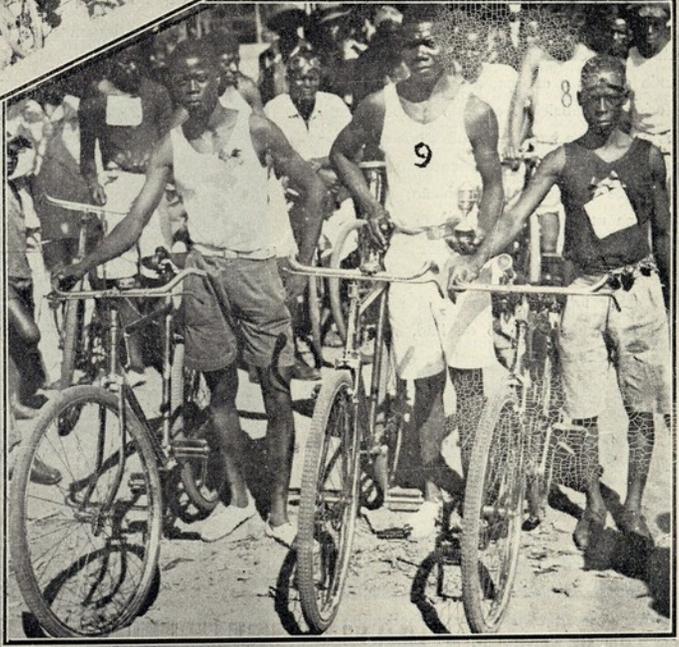
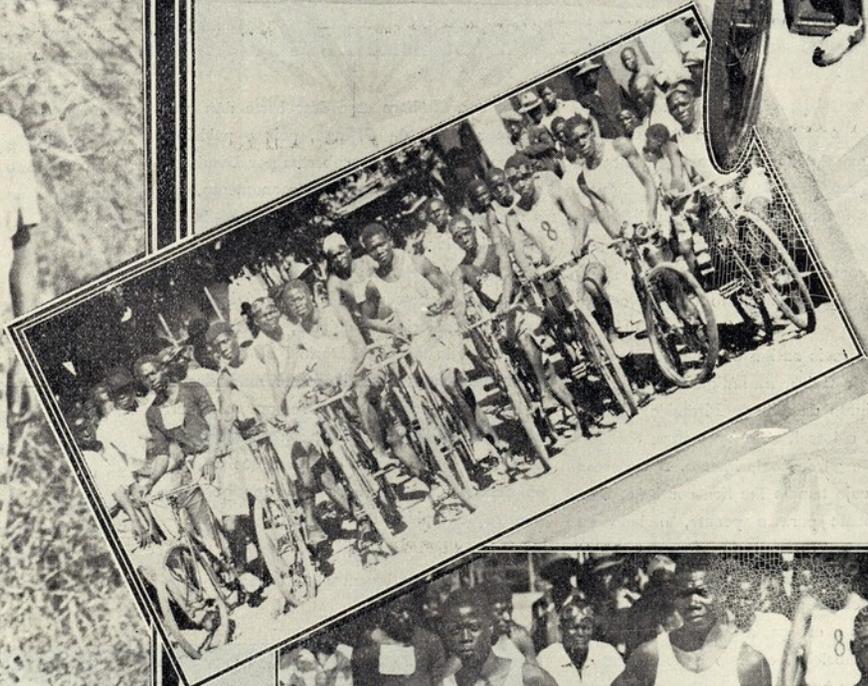
Karen Morley: *Seja independente e confie em si proprio. Conte apenas com o seu esforço e não com o auxilio de qualquer outra pessoa. São os fracos, os que dependem dos outros, aqueles que caminham vacilantes na vida e na vida se perdem Para viver completamente esta curta existencia duas coisas são indispensaveis: ter confiança em si proprio e contar apenas consigo.*

A MODA

A' direita — *Modelo «Joseph Paquin» para Inverno: Um lindo «tailleur» em xadrez preto e branco. Chapeu, sapatos, luvas e carteira de pelica preta completam a toilette.*

Em baixo — *Blusa de tricot arrendado em lã preta e branca com mangas de balão e decote bastante subido, usada com saia preta de cinta muito alta. Na cabeça um gôrro preto de tricot.*

A' esquerda — *Encantador «ensemble» para fins de outono. «Tailleur» em tricot cuja elegancia se completa pela parte inferior das mangas, chapeu e «scarf» ás tiras de côres.*

Em baixo — *Na praia de Brighton algumas raparigas substituiram as calças dos pijamas por calças de flanela cinzenta, de homem, para se defenderem do frio.*

UM DUELO DE PENAS...

Sobre os filhos da Colónia paira, sinistro, o Futuro...

Página Indígena

COMEÇARAM já as provas desportivas e o torneio de futebol dos grupos africanos desta cidade que nos ultimos anos têm tido um desenvolvimento tal que os levou a organizar para a parte de futebol a sua respectiva Associação.

Nesta página, damos o 1.º team do "Grupo Desportivo Beira-Mar" campeão da epoca passada, e que na presente já se está evidenciando; o ciclista Manuel Gimo, vencedor da prova velocipedica Lourenço Marques-Umbeluzi e volta realizada no dia 7; um aspecto dos concorrentes á mesma prova depois da chegada; os trez primeiros classificados.

Nesta página damos tambem um "mufana" campeão do "yó-yó" na sua povoação, no Chinhambanine, que por trez centenas de vezes fez enrolar o brinquedo que se generalizou de tal modo que chegou ao sertão africano.

(Clichés Arnaldo Silva)

Ruinas — do Passado...

Simbolo de Osiris, o Deus-Sol, o monstro fabuloso a que os egipcios chamavam Esfinge, e em cuja existência acreditavam, encontra-se largamente representado em todo o Egipto. Umas vezes é uma androsfinge, um lião deitado com busto de homem, outras vezes uma criosfinge, com cabeça de carneiro, sendo ainda algumas hierocéfalas, isto é, com cabeça de gavião.

A maior e mais antiga é a que se encontra na planicie de Guiza, na antiga Menfis, perto do Cairo, junto da Grande Piramide. É uma androsfinge colossal, com 17 metros de altura á frente e 39 de comprimento. A poderosa divindade, cujo templo lhe fica contiguo, olha misteriosamente para o poente, o lado da morte e do deserto.

Em meados do século passado a Esfinge estava toda oculta pela areia acumulada, emergindo apenas a cabeça, a que faltava a parte inferior da cabeleira, estando tambem mutilados o nariz e a barba, por obra dos arabes que lhe tinham horror, e apresentando sinais das balas dos soldados de Napoleão, que parece terem-na utilizado como alvo. O dificil trabalho de desaterro, começado por Mariette, foi terminado por Maspéro.

O esboroamento da pedra já não deixava ver claramente o corpo de lião, mas permitia reconhecer o corte geral da estatua. Infelizmente, esse esboroamento tem-se acentuado nos ultimos tempos, como se vê da nossa gravura, estando assim a civilização ameaçada de perder um dos seus mais antigos documentos.

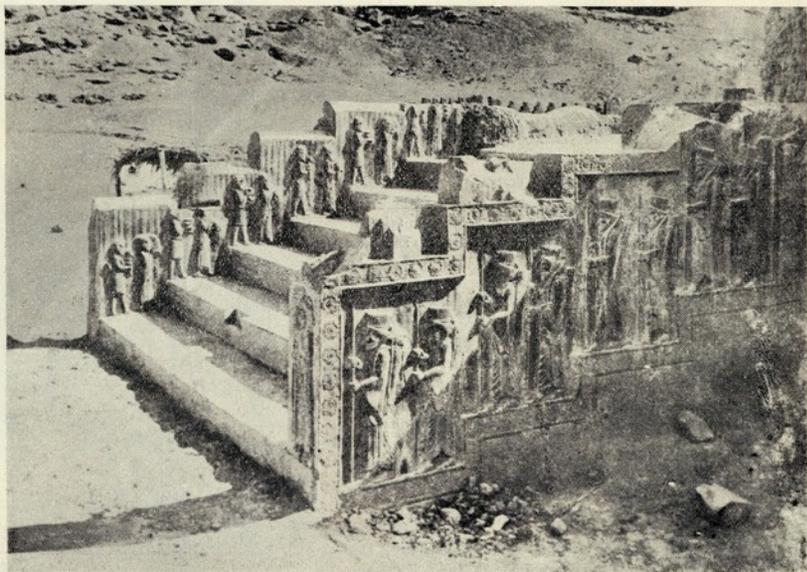
* * *

A missão arqueologica americana que trabalha nas escavações da Pérsia acaba de desaterrar uma escadaria monumental dum dos palácios de Persépolis, do V século antes da nossa era. Embora essa descoberta não compense a perda da Esfinge, pois o palácio é do mesmo tipo dos descobertos por Dieulafoy, o estado de conservação do monumento, que a nossa gravura claramente mostra, dá-lhe um especial valor.

O palácio, como se vê do seu estilo, é da época dos Aquemênidas, anterior á influência grega e posterior á egipcia, devendo, portanto, ser do tempo de Dario I ou de Xerxes. O monumento tem nitidamente marcadas as influencias estranhas que sempre caracterizaram a arquitectura persa: a escadaria em terraços e os mosaicos coloridos dos caldeus, os baixos-relevos assirios e o tipo geral da construção lapidar dos egipcios.

* * *

Em Roma continuam as escavações sistematicas, que têm por objectivo o desaterro total dos restos da cidade antiga.

Não foi sem dificuldade que o governo italiano, há já anos, obteve do Parlamento o voto das verbas necessárias para essa obra. Uns recuavam perante a enorme despesa que um trabalho de tal natureza exige — especialmente numa capital, onde, ao já avultado dispêndio da escavação, há que acrescentar o preço das expropriações ou a perda de edificios publicos importantes; outros encaravam a questão sob o aspecto histórico e artistico, mostrando decidida repugnancia em consentir na demolição de palácios de grande beleza arquitectonica, muitos dos quais do Renascimento. Estes ultimos apresentaram um argumento embaraçoso para os defensores do projecto, dizendo que não era compreensivel que, em nome do interêsse historico, se destruissem obras de grande interêsse historico. De facto, este aspecto do problema é particularmente grave em Roma, onde por vezes há, por baixo duma bela construção do século XVI, um importante edificio medieval, e por baixo deste restos da Roma imperial, que por sua vez se encontram sôbre ruinas da Roma republicana. Onde parar a escavação? O que é que se enten-

...Tambem é grato aos homens, ás vezes, esquecer a vida febril dos tempos modernos e parar em frente dos admiraveis monumentos das civilisações antigas.

de por antigo, se todos são antigos? Não tergiversou o ministro responsavel: moderno, neste caso, é tudo o que é posterior ao IV século. Sob este princípio radical se efectuam as demolições e escavações, que devem levar todo o século actual a concluir-se.

Uma das nossas gravuras representa o Teatro de Marco Claudio Marcelo, sobrinho e genro de Augusto, concluido no ano 13 antes da nossa era, tal como agora aparece; a fotografia mostra ainda as casas modernas construidas sobre o monumento.

A outra gravura representa a mais grandiosa ruina da Roma imperial, o Anfiteatro Flavio, impropriamente chamado Coliseu, desafrontado da casaria e terras que o abafavam e lhe tiravam a perspectiva.

Mandado construir por Vespasiano, concluido por seu filho Tito, o Anfiteatro Flavio foi inaugurado no ano 80 com jogos em que figuraram cinco mil animais ferozes. O Anfiteatro continha mais de 90:000 espectadores e mede 524 metros de circunferencia.

Os materiais do formidavel edificio foram pilhados pelas familias nobres que tinham palácios a construir: com as suas pedras se fizeram os palácios da Chancelaria, de Veneza, Barberini e Farnésio. Decerto teria desaparecido completamente se, no século XVIII, o papa Bento XIV lhe não salvasse os restos, consagrando-o em memoria do sangue dos martires, o que lhe dava caracter de templo, impedindo os fieis de lhe aproveitarem a pedra. É por essa razão que ainda hoje se vê uma cruz no meio da arena.

A fotografia e a escultura gótica

Antes da fotografia e desta se desenvolver era impossivel conhecer, nos seus preciosos detalhes, os monumentos goticos. A estatuaria das catedrais era muito imperfeitamente conhecida. Os albuns de esplendidas fotografias, publicados há alguns anos a esta parte, é que vieram revelar belesas, que a vista não podia alcançar, dos capitéis e doutras peças arquitectonicas que ficam a grande altura de diversos monumentos.

Recentemente foi publicado um album com a reprodução fotográfica da escultura exterior de Notre-Dame de Paris, pelo qual se desvendaram milhares de formosissimas figuras, que a olho nu se não podiam descobrir. Muitas dessas fotografias, de uma extraordinária beleza, dão-nos os magnificos quadros da vida da Virgem que se encontram do lado norte da Catedral. E é curioso — referem-o os entendidos — esses quadros ganham maior encanto na reprodução fotografica porque a fotografia atenua e disfarça a «patine» do tempo, dando-nos conjuntos duma admiravel frescura e duma igualdade de côr deliciosa.

Muito se tem discutido sobre se a fotografia deve ou pode ser considerada como uma Arte.

Nós enfileiramos ao lado daqueles que entendem que a fotografia se pode contar entre as Artes.

Na verdade, desde que na realização fotografica entra, com maior ou menor intensidade, a sensibilidade do operador, já não se pode atribuir tudo á mecanica, á máquina; e, por isso, se entra no campo artistico. A perspectiva focada, a distribuição da luz surpreendida a certas horas e incidindo de certa forma sobre o que se pretende fotografar, influi imenso nos resultados a conseguir.

O que é certo é que a fotografia veio prestar á Arte um esplendido serviço, como no caso que acabamos de salientar: com a renovação e vulgarização de maravilhas esculturais de muitos monumentos.

Numa entrevista dada ao "NOTICIAS ILUSTRADO"

CARLOS LEAL diz:

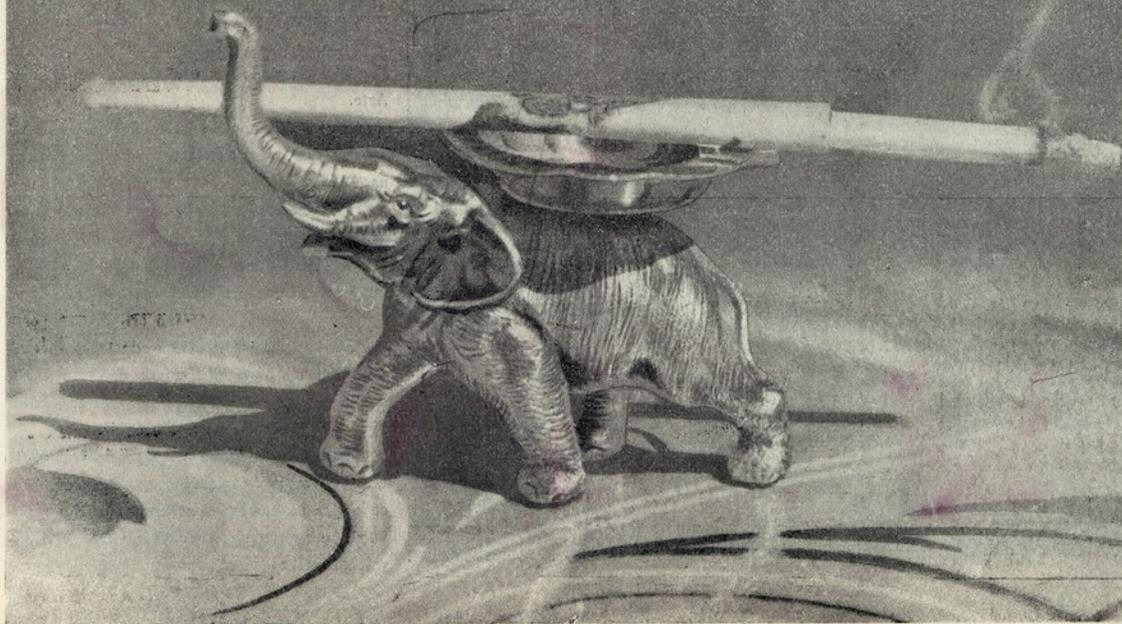
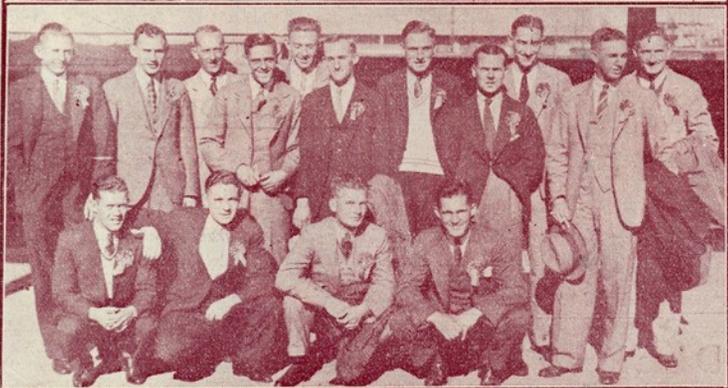
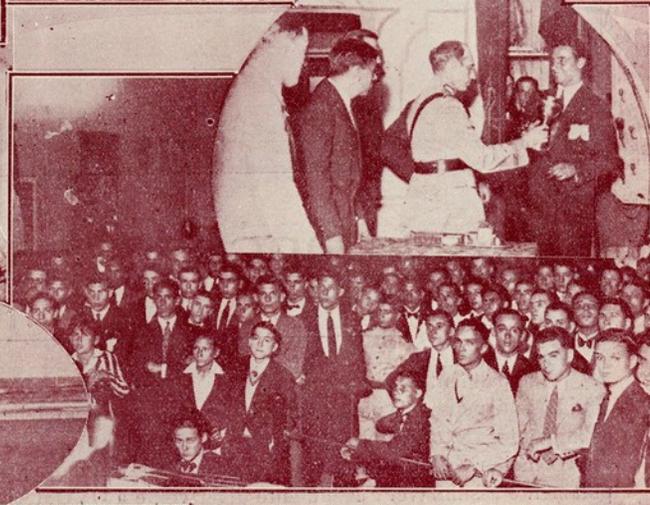
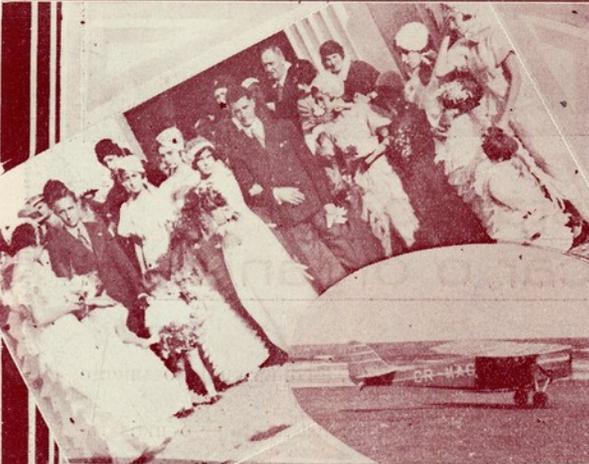
— Mas... você quere ter bom humor?... Você precisa de encarar a vida com optimismo? Pois muito facilmente... simplicissimo... tome o excelente **Vermouth Martini!**

E o entrevistador acrescentou:

— E' unico! Calcule que o aconselhei a Roosevelt, para que encare com a mais excelente disposição a tempestade ... sêca que ameaça toda a América!

O excelente **Vermouth Martini** a que o grande actor Carlos Leal se refere, é o genuino **Vermouth Martini & Rossi** fabricado em Portugal pela mesma firma que o fabrica em Torino. E na Colónia é muito mais barato.

Agentes, Martinho da Silva & Pina, Ltda., Rua Consiglieri Pedroso

"Macedonia"

Um aspecto do incendio que se seguiu á explosão da dinamite que se encontrava no amplo barracão pertencente ás antigas oficinas navais, na Catembe, e trez aspectos dos escombros do barracão e das consequencias da explosão nos barracões proximos.

Um aspecto, á saida da Igreja Paroquial, do casamento do sr. Edmundo Camacho Figueiredo com Mlle. Isaura Mamede Abrantes.

A assistencia á distribuição de prémios, na Academia Recreativa Mocidade, aos vencedores das provas organisadas pelo «Grupo Desportivo 1.º de Maio» por ocasião do seu aniversario, vendo-se em cima, o sr. tenente Praça, presidente do Club, fazendo a entrega da «Taça Padinha» ao capitão do team de honra do «Ferro-viario», sr. Borges Jacinto.

NO OVAL — O "Gaza III" tripulado pelo sr. Torre do Vale, descolando do aerodromo do Chinde, a caminho de Lisboa. (Cliché do sr. Licinio Medina dos Santos)

Os componentes e suplentes do team do «Marist Brothers», que veio a esta cidade realizar dois jogos com o «1.º de Maio» e «Ferro-viario» a convite destes clubes. (Clichés Arnaldo Silva)